

À ESPERA DE SUA VINDA: UMA LEITURA TEOLÓGICO-LITÚRGICA DO TEMPO DE ADVENTO – NATAL – EPIFANIA E SUA LIGAÇÃO COM A PÁSCOA

*Prof. Dr. Emanuel Bargellini**
*Prof. Me. Gabriel Frade***

RESUMO

O Ano Litúrgico é a celebração do Mistério de Cristo ao longo do Ano. Dentre os vários aspectos da celebração do Mistério no tempo dos homens, interessa-nos sobremaneira neste artigo evidenciar alguns elementos de caráter teológico-espiritual relativos aos chamados “tempos fortes”, em particular ao ciclo do Advento-Natal-Epifania e sua eventual relação com o coração do Ano Litúrgico: a Páscoa.

Palavras-chave: *Ano Litúrgico. Advento. Natal. Epifania. Mistério Pascal.*

ABSTRACT

The liturgical year is the celebration of the mystery of Christ throughout the Year Among the various aspects of the celebration of the mystery in human time, greatly interested in this article show some elements of theological-spiritual called for the “heyday” in particular the cycle of Advent-Christmas-Epiphany and its possible relationship to the heart of the liturgical year: Easter.

Keywords: *Liturgical Year. Advent. Christmas. Epiphany. Easter Mystery.*

* Dr. Emanuel Bargellini é monge Beneditino da Congregação Camaldolense. Doutor em Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo – Roma; é autor de inúmeros artigos e livros na Itália sobre Liturgia e Espiritualidade Monástica. Atualmente é o Prior do Mosteiro da Transfiguração em Mogi das Cruzes – SP e escreve às quintas feiras o comentário da liturgia dominical na agência de notícias ZENIT.

** Me. Gabriel Frade é natural de Itaquaquetuba, é mestre em Liturgia e professor de Liturgia e Sacramentos no Mosteiro de S. Bento (SP) e no UNISAL – Campus Pio XI.

INTRODUÇÃO

Queremos neste artigo abordar um objetivo limitado: evidenciar algumas linhas de caráter teológico-espiritual que mais caracterizam o ciclo do Ano Litúrgico relativo ao tempo do Advento-Natal-Epifania. Para individuar estas linhas, nos propomos fazer uma aproximação que leve em consideração a visão sobre a complexa gênese histórica e sobre o desenvolvimento articulado que as festas deste período – Natal/Epifania e o tempo do Advento - tiveram. Estes inícios receberam variadas influências, as quais deixaram algumas marcas evidentes nas estruturas internas destas festas, nas suas relações recíprocas e nas suas relações com a Páscoa.

Outro ponto referencial de grande importância será a menção e a análise de alguns textos bíblicos, eucológicos e homiléticos (patrísticos) onde se exprimem a compreensão da fé que a Igreja teve de cada uma das festas e do seu conjunto. Sobretudo, porém, ocorrerá ter presente que todos estes dados alcançam a plenitude dos seus significados exatamente ao interno da mais ampla e global experiência do evento-celebração.

Evidentemente, num artigo como este, não se pode ter a presunção de apresentar uma análise apurada dos fatos, mas será muito mais a individuação de alguns critérios metodológicos que podem guiar à formulação de uma visão teológica subjacente: neste sentido, a categoria central será a “manifestação do Senhor” reconhecida como presente e, ao mesmo tempo, esperado-invocada.

1. ITINERÁRIO NO CONTEXTO DO CICLO DO NATAL

Antes de nos aprofundarmos na leitura de algumas linhas que mais caracterizam na perspectiva teológica e espiritual o tempo do Advento e o tempo do Natal, temos que levar em consideração a sua lenta e complexa gênese histórica e o seu “desenvolvimento articulado”, nas várias tradições das Igrejas do Oriente e do Ocidente.

Faremos somente algumas indicações, pois o conjunto da situação pode ser encontrado nos manuais de liturgia quando estes tratam do Ano Litúrgico.¹

¹ BERGAMINI, Augusto. *Cristo festa da Igreja*. História, Teologia, Espiritualidade e Pastoral do Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2000 e RAMIS G., *Ano litúrgico: Ciclo do Advento-*

O ciclo do Ano Litúrgico desenvolveu-se a partir da profunda intuição de fé da Igreja, segundo a qual a “história humana” é novamente, e definitivamente, habitada por Deus em Jesus Cristo. A partir do evento Cristo, na história humana realiza-se o projeto originário divino de estabelecer um lugar de comunhão entre Deus e o homem e de revelação da sua glória. Embora Cristo realize em sua pessoa o anseio do Pai em relação a toda a humanidade, essa mesma realização se projeta no tempo em direção ao cumprimento de tal projeto no *eschaton*.

No momento em que Jesus conhece a Ressurreição, sua luz pascal irradia-se, dada a sua avassaladora força intrínseca, no cosmos e na história; igualmente irradiou-se também no tempo que acompanha o caminho dinâmico da comunidade dos fiéis com o seu ritmo de dias, semanas e das estações anuais.

Esta expansão da luz pascal assinalou por si mesma, pouco a pouco, através de uma absorção natural, os lugares e os tempos das comunidades cristãs. De modo que, no que diz respeito a esta dilatação, não houve um nascimento e nem um desenvolvimento orgânico, coerente, tal como num “projeto” pensado precedentemente e de forma abstrata. Seguiu, ao invés, as “leis da vida” e da maturação da experiência de fé.

O Mistério do Verbo que se faz carne na humildade da condição humana e que, deste modo paradoxal, manifesta a glória de Deus, atraiu desde sempre a fé e a estupefata adoração da Igreja. Mas, baseando-nos nos testemunhos históricos que chegaram até nós, parece que somente a partir dos inícios do século IV é que esta fé de adoração do Mistério da Encarnação se traduziu em verdadeiras e próprias celebrações litúrgicas com “datas” precisas e com “nomes” que denotavam “acentuações teológicas” bem individuadas.

Nas Igrejas do Ocidente, por exemplo, o Mistério da Encarnação é celebrado no dia 25 de dezembro sob a nomenclatura de *Natalis Domini* (Natal do Senhor), como nos faz saber o documento chamado “Cronógrafo” filocaliano, o qual se refaz ao ano de 336.

-*Natal-Epifania*: in BOROBIO, Dionísio (Org.). *A Celebração na Igreja*. Vol. 3; p. 161-184; São Paulo: Loyola, 2000.

No Oriente, ao invés, o mesmo mistério é celebrado com o nome de *Epiphaneia* (donde o nome Epifania), isto é, aparição ou manifestação na carne. O seu início – pelo menos nos ambientes gnósticos, que relacionavam o nascimento de Cristo ao episódio do seu Batismo –, parece ser do II século, ou seja, antes do surgimento da festa do Natal no Ocidente (IV século).

O seu afirmar-se na Igreja Oriental parece ter ocorrido apenas a partir do século IV; pelo menos é deste período que vem o primeiro testemunho a seu respeito (cf. Santo Irineu, *Adversus haereses*, 51,27; PG 41,935). As causas, ou pelo menos algumas razões colaterais, do surgimento da Epifania no Oriente e do Natal no Ocidente foram muito similares. A fé da Igreja diante do “estupor” suscitado pelo alegre anúncio da irrupção do divino na história através do nascimento do Verbo feito carne, não podia deixar de conjugar a linguagem celebrativa da festa com a linguagem narrativa, para deste modo, relatar o mistério inefável e participar do ato divino-humano da revelação e da salvação.

A festa é, portanto, uma exigência intrínseca da fé e da esperança humana. A sua formulação está sempre ligada a uma história e a um lugar particulares, de modo que ela está sempre “inculturada”. O processo de gênese e desenvolvimento das festas de Natal e da Epifania para celebrar a fé e a experiência salvífica do Mistério da Encarnação são uma prova desse processo amplo e que envolve a inculturação.

Disso nos testemunham os acertos complexos que chegaram até nós. Com a introdução do Natal em Roma, a Igreja procurou fazer uma operação de inculturação *ante litteram*, dando um valor cristológico a uma festa muito popular do culto ao Deus Sol. Essa festa era celebrada no solstício de inverno, que no hemisfério norte coincidia com a proximidade do dia 25 de dezembro. A mensagem para os cristãos tornou-se clara: Cristo, o verdadeiro Sol, ilumina e salva todo o homem que dele se aproxima. Um segundo fator que contribuiu para o afirmar-se desta festa foi a exigência de rechaçar as grandes heresias cristológicas do século IV. Estas heresias, com suas afirmações queriam anular a realidade humano-divina do Verbo feito carne, e de conseqüência, o próprio sentido da Redenção. Os grandes Concílios Ecumênicos de Nicéia (325), Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451), constituem as etapas fundamentais desta grande tarefa

de elaboração da fé cristológica por parte da Igreja. As perspectivas apresentadas por estas visões conciliares entram decididamente na trama do tecido teológico-espiritual das festas natalinas. Uma prova disso são as grandes pregações homiléticas de grandes pastores como, por exemplo, o Papa S. Leão Magno.

A Epifania no Oriente parece ter uma origem não muito diferente. Sabe-se que no Egito os pagãos tinham uma festa relacionada ao solstício no dia 25 de dezembro, e no dia 6 de janeiro celebravam outra festa em homenagem ao “crescimento” da luz, isto é, quando os efeitos do aumento da luz solar eram mais visíveis. A estas festas dedicadas ao sol, estavam ligadas certas celebrações junto a algumas fontes de “águas” consideradas com propriedades taumatúrgicas. A Epifania assume como objeto de *memória-celebração* o nascimento de Jesus e o seu Batismo no rio Jordão, batismo através do qual ele santificou as águas do cosmos para a regeneração de todos os batizados em seu nome.²

A língua latina traduziu o termo grego *epiphaneia*, originariamente uma referência à aparição da divindade e posteriormente a auto-manifestação solene do rei ou do imperador, com a palavra *adventus*, isto é, vinda, manifestação. Entre o final do século IV e o início do século V ocorre uma feliz troca de elementos celebrativos entre o Oriente e o Ocidente.

O Natal entra no Oriente e se soma à festa da Epifania, aí já celebrada, enquanto que no Ocidente, após a celebração do Natal, começa-se a celebrar a Epifania. Este escambo é acompanhado por uma concomitante delimitação do significado original destas festas. O Natal – tanto no Ocidente como no Oriente – celebra a manifestação do Senhor na Encarnação-Natividade. A Epifania no Oriente deixa de lado a referência originária ao nascimento e se concentra no Batismo de Jesus, unindo de modo orgânico a celebração do Batismo dos novos cristãos. No Ocidente, ao invés, a atenção se concentra na manifestação do Senhor aos pagãos, representados na pessoa dos Magos. Aqui se conservarão como pano de fundo, também a

² Vale a pena ver o ícone do Batismo de Jesus presente no chamado Batistério dos Ortodoxos. Esse batistério construído no século V na cidade de Ravena (norte da Itália) apresenta uma bela imagem artística do Batismo do Senhor. Uma imagem desse batistério pode ser obtida em: <http://www.geometriefluidi.com/pagina.asp?cat=artebiz&prod=battisteroortodos-si-ra-decor>

memória de outros dois momentos da manifestação global do Senhor: o Batismo no Jordão e as Núpcias de Caná da Galiléia, segundo a visão do quanto evangelista. De fato, em seu Evangelho, João nos faz saber que: “Assim Jesus deu início aos seus sinais em Caná da Galiléia, *manifestou* a sua glória e os discípulos creram nele” (Jo 2,11). Dessa memória litúrgica de fundo são testemunhas as antífonas do *Benedictus* e do *Magnificat* da Liturgia das Horas da festa da Epifania e que chegaram até nós. Citamos a antífona do *Benedictus*, exemplo de esplêndida síntese lírica e espiritual do Mistério de Cristo que se cumpre na Igreja, na atuação misteriosa da celebração:

Hoje a Igreja se uniu a seu celeste Esposo, porque Cristo lavou no Jordão o pecado; para as núpcias reais correm Magos com presentes; e os convivas se alegram com a água feita vinho. Aleluia.

A antífona do *Magnificat* é de um tipo mais narrativo:

Recordamos neste dia três mistérios: Hoje a estrela guia os Magos ao presépio. Hoje a água se faz vinho para as bodas. Hoje Cristo no Jordão é batizado para salvar-nos. Aleluia.

No Missal, fruto da Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II, o Batismo de Jesus foi inserido com razão no Ciclo do Natal (*Normas gerais sobre o Ano litúrgico* e o *Calendário*, n. 38). O sinal das Núpcias de Caná, ao invés, está proposto para a missa ferial do dia 7 de janeiro (Jo 2,1-12) e no segundo domingo do Tempo Comum (o primeiro domingo depois do Batismo do Senhor) do ciclo C.

Neste processo de certa diferenciação entre o Natal e a Epifania - seja entre si, seja nas áreas de influência do Oriente e do Ocidente - um elemento continua a manter estas duas festas com um denominador comum, ainda que com perspectivas variadas: a manifestação do Senhor; desde o seu nascimento aos primeiros “sinais” feitos por Jesus no início da sua atividade de anunciador da boa notícia.

Este complexo percurso histórico da formação das duas festas, e esta progressiva - ainda que parcial - diversificação do seu significado litúrgico, deixaram traços significativos nos extratos onde ficaram sedimentados os textos bíblicos e eucológicos das respectivas celebrações. Mais do que um

amalgama orgânico e unitário, muitas vezes nos deparamos diante de estratificações com perspectivas peculiares, ou a alusões hoje não facilmente traduzíveis numa unidade conceitual (cf., por exemplo, a Antífona do *Benedictus* da Epifania). Este fenômeno torna-se evidente a partir da estrutura textual do Advento com a sua dúplice perspectiva de “preparação” à celebração da vinda do Senhor na carne e de reenvio à vinda gloriosa do Senhor salvador e juiz da história no *eschaton*.

Apesar do tempo do Advento ser o primeiro elemento proposto pelo atual Ciclo do Natal, dentro do Ano Litúrgico, ele é na verdade o último elemento a compor esse Ciclo, do momento que, do ponto de vista cronológico, as primeiras notícias relativas ao seu surgimento são do século IV. O Advento é um componente exclusivo do Ocidente. A complexidade de suas origens nas várias tradições ocidentais é comparável à complexidade de suas orientações teológicas. Existe um evidente liame cronológico e espiritual entre Advento e o Natal-Epifania, já que ele desenvolve um papel de “preparação” para estas festas; mas exprime também um forte valor de espera e de tensão escatológica em direção à vinda potente e gloriosa de Cristo no final dos tempos. À discussão ainda aberta entre os historiadores sobre qual dos dois elementos tenha sido o núcleo originário, as *Normas gerais sobre o Ano litúrgico* e o *Calendário* (1969), responderam com uma fórmula que acolhe a globalidade de uma visão que se desenvolve sobre um duplo trilho, ou melhor, em duas profundidades: “o tempo do advento tem uma dupla característica: é tempo de preparação para a solenidade do Natal, no qual se recorda a primeira vinda do Filho de Deus entre os homens e contemporaneamente é o tempo onde através de tal recordação, o Espírito é guiado para a espera da segunda vinda do Cristo no final dos tempos” (n. 39). O período de 17 a 24 de dezembro está dedicado a uma preparação mais direta para o Natal do Senhor (n. 42).

Em nossa modesta opinião, deve ser procurada num nível mais alto – a saber: aquele da dinâmica histórico-salvífica e misteriosa-sacramental – a unidade orgânica que anima o Ciclo do Advento-Natal-Epifania. Isto consentiria superar até mesmo a simples justaposição da função de preparação do Natal e aquela de “espera” da vinda gloriosa ao final dos tempos presente no tempo do Advento.

Há quem se lamente desta falta de unidade de objetivo. Mas será realmente uma falta? Ou será que deveríamos ver nessa realidade um sinal da dinâmica da história da Salvação que se desenvolve em etapas sucessivas e em mais níveis de profundidade e de linguagem simbólica polivalente com a qual a ritualidade litúrgica o celebra?

Se esta riqueza de etapas e de níveis de atuação do Mistério de Cristo e da Igreja ressoasse nas celebrações com critérios de sucessão lógica, orgânica e linear, não seria talvez uma fria “aula de teologia”, mais do que uma celebração total e vital do Mistério de Cristo?

A consciência de que a categoria teológica “manifestação do Senhor” seja um elemento unificante do Ciclo Advento-Natal-Epifania é importante ainda hoje para uma compreensão global do sentido unitário desse ciclo e da especificidade de cada um de seus componentes.

Isto vale especialmente na esfera teológico-espiritual, pois reúne no plano da “substância”, e não somente no plano da “gênese histórica”, o ciclo de Natal ao ciclo da Páscoa, mãe de todas as festas: na morte-glorificação de Cristo é que se há o momento vértice e definitivo da manifestação do Senhor.

Os sinóticos e João, cada um com a própria linguagem, e a grande reflexão das cartas paulinas, amplamente dão conta desta centralidade unificante do evento pascal na vida de Jesus, e assim fazendo, põem as premissas para fundar também a linguagem simbólico-sacramental das celebrações litúrgicas. Isso é pontual, mas ao mesmo tempo polivalente. A *lex credendi* também aqui funda claramente a *lex orandi*.

Esta substancial unidade do Ciclo Advento-Natal-Epifania sob a categoria da “manifestação do Senhor” e o seu intrínseco conjunto genético com o evento e ciclo litúrgico pascal que o celebra deveria ter significativos desdobramentos também no plano do “estilo” das celebrações natalinas e em sua “configuração pastoral e catequética”. Sobre estes aspectos, voltaremos mais adiante.

2. TENSÃO ENTRE VISÃO UNITÁRIA DO MISTÉRIO DA MANIFESTAÇÃO DO SENHOR E DUPLICIDADE DE ACENTO DE LINGUAGEM

A tradição conhece duas linguagens principais e dois acentos para exprimir a fé da renovação radical do mundo em Jesus Cristo:

- a) A linguagem teológico-conceitual (Escritura-Padres-Teologia)
- b) A linguagem ritual-celebrativa (liturgia).

Um primeiro filão de pensamento põe o acento sobre o fato que com a Páscoa do Senhor (Morte-glorificação-Envio do Espírito Santo) já chegou até nós a última fase dos tempos (1Cor 10,11) e a renovação do mundo está irrevogavelmente fixada e em certo modo antecipada neste mundo (Lumen Gentium, n. 48). Um segundo filão de pensamento está por sua vez ancorado na certeza de que em Jesus Ressuscitado, novo Adão, tomou início uma nova criação e uma nova história da família humana (Rm 5,12-19), mas percebe que até que não existirão novos céus e nova terra, nos quais a justiça terá a sua efetiva morada (2Pd 3,13), onde o Reino de Deus começou a germinar nos sulcos da história (Mt 13,1-25), mas que não chegou ainda a sua plenitude. O Reino habita já na história, mas permanece também como objeto de sua espera e horizonte de sua esperança. Desse modo, a Igreja é peregrina e é sustentada pelo Espírito, invocando a vinda do Senhor: “e o espírito e a esposa dizem: ‘Vem!’” (Ap 22,17).

A Igreja em seus sacramentos e nas suas instituições, que pertencem ao tempo presente, traz consigo a figura fugaz deste mundo, e vive entre as criaturas, as quais gemem e estão entre as dores do parto, suspirando a manifestação dos filhos de Deus (Rm 8,19-22; Lumen Gentium, n. 48). Esta tensão escatológica qualifica a presença do Reino de Deus na história e a identidade mais profunda da Igreja, que é a semente e a parábola do Reino. Encontramos esta tensão também entre os dois diferentes acentos sobre a escatologia em todas as linguagens através das quais se exprime a fé e a autoconsciência da Igreja: linguagem teológica, celebrativa, institucional. Se, portanto, isso é verdade para a linguagem ritual da liturgia em geral – que devido à sua estrutura simbólica é capaz de fazer referência simultaneamente a vários níveis ou etapas do mistério celebrado – tanto mais deve ser levado em consideração na articulação do período do Advento-Natal-Epifania, onde o seu foco é o mistério da manifestação do Senhor, única e, ao mesmo tempo, múltipla.

O olhar da experiência amadurecida da fé percebe em único golpe do olhar o projeto de Deus: a história de ontem, o caminho de hoje, o horizonte futuro. Confia à memória celebrada os eventos cumpridos, exulta na percepção da ação de Deus em ato, invoca e espera vigilantemente o aproximar-se da linha de chegada definitiva. Este é o critério hermenêutico fundamental sobre o qual se funda a visão teológica e espiritual subjacente à celebração da totalidade do ciclo Advento-Natal-Epifania e ao próprio uso dos textos bíblicos – do AT e do NT – e litúrgicos que a Igreja faz nestas celebrações. De modo um pouco paradoxal – pois historicamente é o último dos três núcleos litúrgicos que se formou – poderíamos dizer que o Advento, como nos aparece hoje, é o tempo que com maior evidência exprime esta consciência unitária da história da salvação e a tensão fecunda entre os seus vários momentos e aspectos.

As referências à vinda do Verbo na carne, à sua habitação na alma do crente e à vinda do Cristo glorioso como juiz no final dos tempos, se alternam, se entrelaçam e se sustentam reciprocamente de modo contínuo e naturalmente, muitas vezes dentro de um mesmo texto litúrgico. Assim reza, por exemplo, a Coleta da quarta feira da primeira semana do Advento:

Deus grande e misericordioso, prepara com a tua potência o nosso coração para encontrar o Cristo que vem, para que nos encontre dignos de participar no banquete da vida e Ele mesmo possa nos servir em seu advento glorioso.³

Na liturgia das Horas do Advento, homilias e catequeses dos Padres falam com evidente conexão das duas vindas de Cristo como dois desenvolvimentos do mesmo mistério, que entrevê unidas a humilde descida do Verbo na carne e o caminho perseverante da Igreja em direção ao seu Senhor glorioso (Cirilo de Jerusalém, Cat. XV, 1.3 – Domingo I do Advento; S. Bernardo de Claraval, Discurso IV sobre o Advento, 1 – Domingo I do Advento III Leitura do Ano C da Liturgia das Horas monástica, vol. 1, edições Marietti, 1990; Elredo, Discurso I do Advento, II Leitura, Ano I in Liturgia das Horas Monástica).

³ Trata-se da tradução da oração coleta presente no Missal editado pela Conferência Episcopal Italiana. Texto original: *“Dio grande e misericordioso, prepara con la tua potenza il nostro cuore a incontrare il Cristo che viene, perché ci trovi degni di partecipare al banchetto della vita e ci serva egli stesso nel suo avvento glorioso”*.

São Bernardo para sublinhar o processo de continuidade da presença de Deus na história por meio do Cristo, fala de uma tríplice vinda de Cristo. Aquela intermediária é oculta e espiritual, pois “somente os eleitos podem vê-la dentro de si próprios e as suas almas são salvas” (Discurso V sobre o Advento, I, 1ª semana, quarta feira) e retoma em outra homilia: “na realidade, como ocorreu no passado, visível na carne, operando a salvação na terra, agora ele vem a cada dia de modo espiritual e invisível para salvar cada alma” (Discurso I sobre o Advento, 9, 2º domingo, ano C).

É a centralidade de Cristo, no projeto salvífico do Pai e a participação real ainda que inicial a este projeto, que consente a Igreja de cantar com plena verdade o dia de Natal: “Jesus Cristo hoje nasceu, apareceu o Salvador. Hoje na terra os Anjos cantam e se alegram os Arcanjos. Hoje exultam de alegria os homens justos a dizer: Glória a Deus nos altos céus. Aleluia, aleluia”. (Natal, II Vésperas, ant. ao Magnificat).

Do mesmo modo, a comunidade cristã se identifica com as promessas, as esperas, as admoestações e as renovadas esperanças proclamadas na mesma linha do profeta Isaías e dos outros profetas ao longo de todo o período do Advento (na liturgia eucarística e na Liturgia das Horas) e também nos dias de Natal e da Epifania. Existe um *continuum* dinâmico maravilhoso. O seu passado é também o seu presente e o seu futuro e vice-versa.

O mesmo critério hermenêutico dá razão sobre o porquê dos textos litúrgicos possuírem certos temas fundamentais da fé que se entrelaçam espontaneamente, como os paralelismos Adão-Cristo, Eva-Maria (S. Irineu, *Adversus Haereses*, V, 19, 1 – Liturgia das Horas, 2ª semana, sexta-feira), Maria-Igreja (Isaac da Estrela, *Discurso 51*, Liturgia das Horas, 2ª semana, Sexta-feira), Maria-Crente individual. Temos, a propósito deste último aspecto, um dos textos mais profundos, e sintéticos ao mesmo tempo, em Santo Ambrósio: “bem-aventurada – disse – tu que acreditaste (Lc 1,45). Mas bem-aventurados também vós que ouvistes e crestes: cada alma que crê concebe e gera o Verbo de Deus e reconhece as suas obras. Esteja em cada um a alma de Maria para engrandecer o Senhor; esteja em cada um o Espírito de Maria para exultar em Deus.

“Existe apenas uma única mãe de Cristo segundo a carne; segundo a fé, ao invés, Cristo é o fruto de todos, pois cada alma recebe o Verbo de Deus

desde que esta esteja imaculada e imune aos vícios, guarde a castidade destemido com pudor” (S. Ambrósio, Comentário Sobre Lucas, II, 26, 27, Liturgia das Horas, 21 de dezembro).

No seio dos crentes, tornados fecundos pelo Espírito, o Verbo continua a ser gerado, o Natal não cessa de ser celebrado com a dança e o ritmo da vida. “Não vos desesperéis pelo fato de que apenas uma vez ele tenha nascido de Maria: a cada dia ele nasce em nós” – afirma S. Jerônimo (Tratado sobre os Salmos, SI 84, Liturgia das Horas, 23 de dezembro). Santo Agostinho por sua vez, identifica o desejo profundo e atormentado do homem diante de Deus, com a sua oração existencial e a aspiração ao Reino. Comentando o Salmo 37,10 (“Senhor, diante de ti estão os meus desejos”), observa: “Se o teu desejo está diante dele, o Pai que vê no segredo, ele o atenderá. O teu desejo é a tua oração: se o teu desejo for continuado, continuada também será a tua oração. O Apóstolo, com efeito, não por acaso afirma: “rezai sem cessar” (1Ts 5,17). Mas há uma outra oração, aquela interior, que ocorre sem interrupção e esta: o desejo. Qualquer coisa que tu faças, se desejas aquele sábado (que é repouso no Senhor), não cessas nunca de rezar... calarás se deixares de amar” (Comentário sobre os Salmos, n. 37, 13, 14; Liturgia das Horas, III semana. Sábado).

Este traçado objetivo do desenho de Deus na história, entrelaçado de promessa e de graça, de experiência e de vigilante espera, gera uma fé e uma espiritualidade que envolvem a pessoa e a comunidade, na globalidade dos seus sentimentos e dos seus pensamentos, da sua existência: são os impulsos profundos de quem está apenas nascendo para as novidades de Deus, como os austeros e essenciais olhares de quem se sente tomado pela misericórdia e regenerado para a vida.

A graça e o empenho moral são as notas de um canto sempre novo de graças e de invocação da Igreja, são uma resposta coerente à dignidade de filho recuperada.

“Ó superabundante riqueza da divina bondade! – exclama S. Gregório Nazianzeno. Mas o que significa para nós este grande mistério? Eis: eu recebi a imagem de Deus, mas não soube conservá-la intacta. Então eis que ele assumiu a condição humana para me salvar, fazer-me à sua imagem, e para

dar a mim, simples mortal, a sua imortalidade". (Discurso 45,22; Advento: Liturgia das Horas, 1ª Semana, terça feira).

Como não reconhecer neste texto do Nazianzeno um parentesco muito próximo a certas homilias natalinas de São Leão Magno, ou mesmo com a famosa antífona "*Ó admirabile commercium*" das primeiras vésperas da Oitava de Natal (atualmente Maria Santíssima, Mãe de Deus): "Maravilhosa troca! O criador tomou uma alma e um corpo, nasceu de uma Virgem; feito homem sem obra de homem, nos dá a sua divindade" (Santo Irineu, *Adversus Haereses*, III, 20, 2-3; Liturgia das Horas, 19 de Dezembro).

Nesta antífona podemos reconhecer o coração do mistério da Encarnação e do próprio ciclo natalino que tem como seu centro a celebração desse mistério: Deus, com efeito, fez-se humano e a pessoa humana, por pura graça entrou num misterioso processo de divinização. Deus, na sua infinita condescendência, se revela doando-se e fazendo-se próximo ao homem; o homem, em contrapartida o homem é revelado a si próprio, na sua identidade originária de criatura formada à imagem de Deus e chamada a ser participante da sua vida e comunhão. A manifestação do Senhor é revelação e experiência do coração de Deus ao homem e, ao mesmo tempo, do homem criado e redimido.

3. UMA TEOLOGIA DO EVENTO A PARTIR DOS TEXTOS DAS CELEBRAÇÕES

É possível fazer um discurso infinito com sensibilidade de fé e mente aberta a partir da luz emitida através dos textos bíblicos ou homiléticos e eucológicos: antífonas, responsórios, hinos, prefácios, coletas, orações sobre as ofertas e depois da comunhão. Seria possível discorrer livremente entre o Advento, o Natal e a Epifania sem solução de continuidade, encontrando uma grande riqueza de temas e uma grande unidade de fundo, não fragmentada, mas enriquecida pelos diferentes acentos e pelas diferentes dinâmicas. Juntamente constituem uma grande sinfonia em três partes com um forte tema que as une e que lhes confere uma infinidade de variações temáticas.⁴

⁴ Para individualizar e aprofundar os vários temas presentes nos diferentes elementos da estrutura litúrgica deste ciclo veja-se Rivista Litúrgica LIX (1972/5), trata-se de um fascículo inteiramente dedicado ao tema e intitulado "*Avvento-Natale-Epifania: celebrazione della*

O motivo de fundo é a centralidade do mistério da manifestação do Senhor no qual as tensões dialéticas da história se recompõem numa unidade e são alimentadas na sua especificidade.⁵

Percorrendo com o coração da Igreja o itinerário Advento-Natal-Epifania, se perceberá que não se trata de uma leitura de um livro de teologia, com uma ordem lógica, mas ao invés, trata-se de viver um evento de graça que regenerou e que continua a regenerar o mundo. Somos como que imergidos num clima de escuta, de acolhida, de adoração e de estupor. Somente a dinâmica da *Lectio Divina*, com as suas fases analíticas, de meditação sapiencial do mistério – que emana dos textos e dos ritos – e de oração contemplativa, pode introduzir-nos e fazer-nos habitar no mistério da Manifestação do Senhor, humilde e surpreendente. A dinâmica litúrgica, como aquela da *Lectio Divina*, tem na fé que contempla o seu critério de inteligência interior, de movimento e de desenvolvimento. A partir deste fato, temos os retornos temáticos, o surgimento de avanços imprevistos, de novas perspectivas de as alusões, acima citadas, compreensíveis e estimulantes somente para quem está familiarizado com o seu comprimento de onda e com a sua linguagem simbólica, sempre polivalente. Para indicar este trabalho interior, base para uma autêntica experiência espiritual na liturgia, e para a elaboração de uma possível teologia amadurecida a partir da própria liturgia (teologia litúrgica), a tradição cristã antiga usou duas imagens muito eficazes: aquela da abelha que voa de flor em flor recolhendo seu néctar para produzir o mel e a imagem da re-elaboração do alimento por parte dos ruminantes, com a finalidade de transformá-lo e assimilá-lo. Também a Palavra divina e a experiência de Deus devem ser continuamente “ruminadas” e reelaboradas no coração do crente (*ruminatio Verbi*). Se a celebração litúrgica é o lugar da experiência do mistério de Cristo e, ao mesmo tempo, pedagogia eficaz da fé e de crescimento espiritual, é também evidente – a partir do quanto já foi acenado – que esta, por sua vez, exige que dela nos aproximemos numa sábia e perseverante pedagogia. Mesmo um sensato executar da celebração e uma homilia que queira ser parte efetiva da liturgia, devem necessariamente se nutrir do mesmo clima espiritual. O

manifestazione del Signore”. Uma visão de caráter mais geral é encontrada na obra de Bergamini: op. cit., p. 301-372.

⁵ Cf. *Calendarium Romanum* (Typis Poliglottis Vaticanis 1969) *Commentarium in annum liturgicum instauratum* 1,2: “Manifestationis Domini celebratio”, p. 60.

verdadeiro lugar hermenêutico da Palavra divina entregue à Igreja, o lugar onde ela se realiza, lugar verdadeiro onde nasce e se faz encontrar pela teologia litúrgica do mistério da Manifestação do Senhor é, antes de tudo, a própria celebração deste mistério.⁶

Ela, a celebração, é o sujeito primeiro onde ocorre uma sinergia, isto é, a ação conjunta do Espírito Santo e da comunidade dos crentes. A partir da experiência vivida e da luz interior que a acompanha, ela é posta em condição de reelaborar e de re-exprimir, pelo menos em alguma medida, em categorias correntes de pensamento o mistério vivido. A celebração e a experiência interior iluminam e atuam a Palavra e geram uma possível palavra humana: a teologia. Por sua vez, são geradas e nutridas pela Palavra. É um circuito cognoscitivo e existencial que se auto-alimenta continuamente, sob o impulso do Espírito na comunhão eclesial. O teólogo ortodoxo N. A. Matzoukas observa a propósito que:

é o mistério da liturgia da Igreja que fundamenta e anima a sua multiforme vida carismática. Antigo e Novo Testamento, as obras dos Padres, os monumentos da arte, as várias expressões da religiosidade popular: tudo isso constitui um comentário único do evento da criação do caminho em direção ao aperfeiçoamento de toda a criação. Tudo isso ocorre, encontra seu cumprimento na concretude das situações no mundo e na história, e não se trata de uma invenção abstrata do intelecto. A gnoseologia teológica observa agudamente este desenvolvimento dramático inserido no contexto da natureza e no escorrer dos acontecimentos.⁷

Estas observações gerais sobre o método teológico nos deixam entrever quantos outros setores deveriam pelo menos sondar, para além dos textos litúrgicos, uma maior e mais integral pesquisa teológica sobre o ciclo litúrgico da Manifestação do Senhor.

⁶ Os textos e os ritos são apenas o material para a construção da teologia litúrgica: a construção em si é a experiência da celebração.

⁷ MATZOUKAS, N. A. *Teologia Dogmática e Simbólica Ortodoxa*. Vol. 1. Bologna: Dehoniane, 1996, p. 23-24.

4. DA PÁSCOA AO NATAL

No dia da Epifania, depois da proclamação do evangelho da Manifestação do Senhor aos pagãos na pessoa dos magos (Mt 2,1-12), o Missal Romano prevê o “solene anúncio do dia de Páscoa” e das principais festas do Senhor e dos santos que, a partir da Páscoa, irradiam a luz do Ressuscitado sobre todo o ano litúrgico. Assim proclama solenemente o diácono:

Irmãos caríssimos, a glória do Senhor se manifestou e sempre se manifestará em meio a nós até o seu retorno. Nos ritmos e nas vicissitudes do tempo recordamos e vivemos os mistérios da Salvação. Centro de todo o Ano Litúrgico é o Tríduo do Senhor Crucificado, Sepultado e Ressuscitado, que culminará no Domingo de Páscoa, no dia [...] da Páscoa brotam todos os dias santos [...].⁸

Num tempo em que os relógios digitais aparecem em todos os instrumentos eletrônicos à nossa disposição e possuem até mesmo calendários, a proclamação solene da Páscoa durante a liturgia pode ter apenas um significado simbólico. Por outro lado, a colocação deste anúncio na celebração eucarística da Epifania, não deixa margem para dúvidas: a Páscoa do Senhor, Morto, Sepultado e Ressuscitado é o ponto focal, o vértice da manifestação de Deus na história que consumará a sua trajetória no glorioso retorno escatológico. A dinâmica do Ano Litúrgico, que quer ser quase que uma projeção simbólica no tempo desta divina parábola da história, traz necessariamente o seu movimento de origem e de retorno na festa da Páscoa, que daquele vértice é a celebração atualizadora. No gesto e nas palavras daquela proclamação da Páscoa, podemos já perceber o nexo profundo entre a Páscoa e o ciclo do Advento-Natal-Epifania: celebram o mesmo mistério da única e múltipla manifestação do Senhor na carne e na glória. É a páscoa que gera o Natal e não vice-versa. Naturalmente, não do ponto de vista cronológico da vida de Jesus, mas no sentido de que a luz Pascal concede a Igreja que crê a inteligência que lhe faz vislumbrar no nascimento o início da redenção, início este consumado na morte e ressurreição de Jesus. O mesmo processo histórico do desenvolvimento das duas festas, como nos lembra os estudiosos, nos ajuda a compreender, neste sentido, a relação

⁸ O texto do anúncio das festas móveis encontra-se no Missal Romano, sendo que este texto, com as datas das respectivas festas, pode ser encontrado, também, nas edições anuais do Diretório para a Liturgia. Cf. CNBB. *Diretório para a Liturgia*. Brasília: CNBB, 2011, p. 39.

intrínseca entre o Natal e a Páscoa. Um processo análogo ao ocorrido na formação da estrutura dos evangelhos. De um núcleo originário do relato da Paixão-Ressurreição de Jesus, desenvolveram-se a trama de conjunto do seu ministério messiânico até os relatos do seu nascimento, narrados à luz da experiência pascal da Igreja (Lc 1-2; Mt 1-2).

O núcleo denso do mistério da Páscoa dilatou-se, quase que num processo de expansão, empurrado a partir de seu núcleo interno, e que se deixou narrar através de uma linguagem celebrativa extensa e fragmentada pelas festas – tendo lugar dentre as primeiras o Natal e a Epifania (no século IV). Somente mais tarde é que os dois ciclos se fundirão na unidade do Ano Litúrgico, que da espera do Advento, através do pano de fundo dos Domingos e festas, se desemboca na espera da *parousia* como, aliás, está bem expresso nos últimos domingos do Ano Litúrgico. As pontas extremas do círculo se tocam, mas não se fecham, antes, movem-se quase como uma espiral que se estende tanto quanto será longo o caminho de fé da Igreja e de cada fiel.

A Páscoa é um processo dinâmico na vida do fiel, nos recorda São Paulo (Ef 4,20-24; Cl 3,1-15). Processo dinâmico é a participação na geração de Jesus Cristo no Espírito Santo e no Batismo, repetem diversas vezes os Padres da Igreja. De fato, dirá São Leão Magno em seu discurso, proclamado por nós na vigília do Natal:

O nosso Salvador, caríssimos, hoje nasceu, alegremo-nos! Caríssimos, demos graças a Deus Pai por meio do Seu filho no Espírito Santo porque [...] nos fez reviver com Cristo (cf. 2,5) para que fôssemos nele novas criaturas, novas obras saídas de suas mãos [...] reconhece, cristão, a tua dignidade e, tornado partícipe da natureza divina, não tornes à abjeção de um tempo com uma conduta indigna [...] com o sacramento do batismo tornastes templo do Espírito Santo! (São Leão Magno, Discurso 21,1-3).

Em seu discurso, retomado em parte no Ofício das Leituras do dia 31 de Dezembro, São Leão liga de modo ainda mais explícito o nascimento de Cristo com o nascimento do povo cristão; o nascimento da cabeça com o nascimento do corpo. O batismo fez dos cristãos partícipes do nascimento de Cristo, como Cristo, ao invés, torna os cristãos participantes do seu próprio mistério pascal.

A infância, que o Filho de Deus não reteve indigna da sua grandeza, se desenvolveu com o crescimento da idade na plena maturidade do

homem. Certo, completado o triunfo da paixão e da ressurreição, pertence ao passado todo aniquilamento por ele aceito para nós: todavia a festa de hoje renova para nós os inícios sagrados de Jesus, nascido da Virgem Maria. E enquanto celebramos em adoração o nascimento de nosso salvador, nos encontramos a celebrar o nosso início: o nascimento de Cristo marca o início do povo cristão; o Natal da Cabeça é o Natal do Corpo. Se bem que todos os filhos da Igreja recebam o chamado, cada um no seu momento e sejam distribuídos no decorrer do tempo, também todos juntos, nascidos na fonte batismal, são gerados com Cristo nesta natividade, assim como com Cristo foram crucificados na paixão, ressuscitados na ressurreição, colocados a direita do Pai na ascensão (Sermão 6,2-3; em LH, *no dia 31 de dezembro*).

Também da Epifania ele afirma que, com a ajuda do Espírito Santo é necessário esforçar-se para atingir àquela “perfeita inteligência para compreender que o mistério da presente festa pertence a todos os tempos e a todos os fiéis” (*Discurso 38,1; em Liturgia das horas Monástica*, vol. I).

Nesta perspectiva pascal, supera-se a visão historicizante e fragmentada dos momentos individuais revelativos da vida do Senhor e de sua celebração no ciclo Natal-Epifania. Do ponto de vista da catequese e da homilética, isto poderia ter conseqüências importantes para superar a tentação de recair na simples recordação emotiva da infância de Jesus ou no moralismo da imitação do seu exemplo de simplicidade. A sua vivência é também para nós, dizia São Leão Magno, e com ele muitos Padres, ao mesmo tempo e no mesmo grau, “graça transformadora” e “modelo a ser imitado” (*Sacramentum et exemplum*). Esta conexão intrínseca entre o Natal e a Páscoa, e entre a graça e colaboração responsável, é a mesma que une a *kenosis* do Verbo na carne, a sua glorificação junto ao Pai, e a necessidade para a comunidade cristã de configurar as relações recíprocas com a mesma lógica do Verbo de Deus humilhado e glorificado (FI 2,5-11). É “um único processo salvífico” que se realiza num duplice movimento de esvaziamento-descida e de glorificação-ascensão: Natal e Páscoa.⁹

⁹ A este propósito, veja-se a interpretação pascal que se dá aos ícones do Nascimento de Jesus e do seu Batismo na tradição iconográfica bizantina. Veja-se também, a título de exemplo, a obra de Evdokimov in EVDOKIMOV, P. *Teologia della Bellezza*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2002. Além disto, seria interessante consultar também as expressões artísticas dos crucifixos reais bizantinos ou as Faces Sagradas ocidentais, da região da Toscana, Itália.

Numa consciência mais aprofundada desta unidade profunda entre o ciclo do Natal e o ciclo da Páscoa, pode-se valorizar – diríamos até que quase se deva valorizar – com plena liberdade todos os elementos que caracterizam estes ciclos e toda a riqueza de expressões particulares através das quais a fé popular e as várias culturas do passado e de hoje, buscaram e buscam reinterpretá-los.

A linguagem celebrativa pode muito bem valer-se de todas as sensibilidades do ânimo humano e das formas expressivas mais variadas da arte, sem temer perder a sua unidade interior. Por outro lado, esta estrutura cristológica-pascal da totalidade do Ano Litúrgico, confere profunda unidade e organicidade ao caminho espiritual do cristão chamado, por graça, a deixar-se transformar progressivamente sob a ação do Espírito, na imagem do Senhor, refletindo nele como se reflete num espelho a glória (2Cor 3,18). O movimento Encarnação/velar-se e Páscoa/re-velar-se do Senhor, tem o seu ponto de chegada no homem animado pelo Espírito, espelho revelador da glória do Senhor. “A Glória de Deus é o homem que vive”, dirá Santo Irineu na sua obra *Adversus Haereses*.

5. ESPERA E ESPERANÇA CRISTÃ NO MODELO DINÂMICO DO TEMPO

A ciência e a filosofia modernas trilharam um caminho que redundou numa maior consciência de que o homem está ligado ao tempo e ao modo como o percebe e o pensa culturalmente. Esta consciência maior influenciou o plano da teologia e da espiritualidade ocasionando uma passagem de uma concepção preferencialmente estática da ordem a uma concepção mais dinâmica e evolutiva (*Gaudium et Spes*, n. 5).

Na concepção estática, a perfeição está nos inícios e, numa visão esquemática, poderíamos dizer que essa concepção se move num tríplice pólo: criação-natureza-redenção. Sendo que a redenção é entrevista como um retorno à ordem primitiva.

Já no modelo dinâmico, o processo é percebido num devir, e a perfeição está no final desse itinerário. Em sendo assim, o tempo torna-se realidade essencial para que possamos exprimir as nossas potencialidades de identidade que nos estão presentes.

Além disto, a teologia nos oferece a visão de um Reino de Deus como um processo dinâmico que está sempre em movimento na direção da plenitude do *eschaton*. A influência de uma concepção mais dinâmica também se faz sentir na teologia espiritual: encontramos-nos em formação, chamados a acolher a constante ação criadora de Deus, a energia do Espírito que desenvolve as sementes já semeadas e oferece sempre o elemento da novidade até quando o projeto que Deus tem para cada um de nós não chegue ao seu cumprimento.

De fato, a nossa vida teologal-espiritual está ligada ao tempo e ao ritmo do acolhimento ou não do dom de Deus; evidentemente é preciso também salvaguardar sempre a divina liberdade das inesperadas irrupções de Deus na história humana.

A redenção do homem e do cosmos em Cristo deve ser percebida não somente como a “recuperação” do passado, isto é, retornará condição ideal do “paraíso perdido”, mas deve ser percebida também como nova capacidade de acolher o dom de Deus ainda não acolhido, como nova capacidade de abertura ao futuro de Deus e de suas manifestações ulteriores.

A vida cristã, entre a experiência sacramental do Espírito e o desenvolvimento do homem novo em Cristo, desenvolve uma dinâmica constante e uma constante tensão perceptível como “espera da vinda” de Deus, na memória que reconhece aquilo que já foi cumprido em nós. Esta parece ser a estrutura fundamental da existência cristã.

Na dinâmica do Ciclo do Natal, como espera da vinda e da manifestação do Senhor, esta estrutura fundamental da existência cristã encontra o seu húmus mais natural onde nutrir-se e, ao mesmo tempo, exprimir-se. Uma pastoral que queira estar atenta às realidades profundas do caminho de fé das pessoas e das comunidades, encontrará na liturgia deste período uma oportunidade preciosa para desenvolver uma pedagogia espiritual que valorize com sabedoria as sólidas perspectivas teológico-espirituais expressas conforme as categorias culturais de nosso tempo.

CONCLUSÃO

Viver o Advento-Natal-Epifania, viver a esperança teológica, a vigilância e a espera do cumprimento do Reino, são elementos que bem se conectam com as categorias culturais do tempo dinâmico e, naturalmente, com o princípio de responsabilidade. Aprender a viver a esperança e a espera é também aprender viver o tempo, o desenvolvimento e o empenho, mas é também e, sobretudo, aprender a acolher as novidades de um Deus que se doa e se revela na história e no tempo.¹⁰

É verdade que o tempo “presente” é a única realidade essencial da vida, o âmbito no qual nos chega a oferta única da vida. Assim como a história como a história que pode ser vivida de modo a ser salvífica é única, do mesmo modo, há um só tempo “presente” para a Igreja, o qual pode ser vivenciado segundo as dinâmicas da eternidade, percebendo na fé a Presença que, neste caso, é seu elemento fundacional.¹¹

Para viver plenamente este presente é necessário acolher inteiramente o passado numa dinâmica de reconhecimento, de reconciliação e de conversão.

Porém, também o futuro deveria ser vivenciado no presente, pois este não ocorre senão para aquele que pode, ou não, acolhê-lo, esperá-lo. O futuro é necessário, pois a criatura não está ainda cumprida, assim como o Reino de Deus não atingiu ainda o seu cumprimento.

O segredo para viver como pessoas humanas é valorizar plenamente o presente acolhendo o passado em todas as suas componentes, e esperando o dom do futuro sem pré-julgamentos ou resistências.¹²

No plano da fé, a experiência da irrupção de Deus na história, no seu futuro sempre novo, atualizado no presente através da revelação velada de uma presença muitas vezes misteriosa, mas que confere consistência e sentido ao nosso frágil presente encontra um lugar privilegiado de expressão e de sustento no início e na conclusão do Ano Litúrgico, início e conclusão que se fundem entre si, num movimento não repetitivo, mas com

¹⁰ Para aprofundar os vários modelos culturais do tempo e as suas relações com a dinâmica da vida espiritual veja, por exemplo, MOLARI, C. *Il Tempo, la Persona Umana e la Vita Spirituale*, in *Vita Monastica* 51 (1997/2005). Camaldoli: Edizioni Camaldoli, 1997, p. 5-37.

¹¹ Ibid. p. 31-32.

¹² Ibid. p. 36.

um desenvolvimento crescente. A memória e a espera da manifestação da manifestação do Senhor se alimentam mutuamente.

No encontro de liberdade do homem com Deus, permanece uma radical assimetria, entre o caminhar humano, na condição de êxodo e de provisoriedade, e a divina vinda e o divino doar-se. Mas a fé tem juntamente, de modo paradoxal, a infinita distância e a inaudita proximidade de Deus oferecida em Cristo, Verbo feito carne. Viver o dom da reconciliação, da harmonia em Cristo “para os cristãos significa conjugar sempre novamente o seu êxodo e aquele da comunidade dos homens na qual vivem, com o advento inquietante e transformante do Deus vivo”,¹³ respeitando os movimentos do êxodo e do advento sem a pretensão de resolver a alteridade de Deus na própria identidade.

Viver sabiamente esta tensão, entre êxodo e advento, é uma das dinâmicas da fé que a Igreja experimenta e, ao mesmo tempo, ensina com maior força no ciclo litúrgico do Natal. Esta consciência nos impede de considerarmo-nos como pessoas que já atingiram o objetivo último e, por outro lado, nos abre às surpresas de Deus numa incessante necessidade de conversão e de renovação para fazer entrar sempre mais no presente dos homens o futuro de Deus.

¹³ B. FORTE. Il Decalogo della Riconciliazione: in *Il Regno-Attualità*, 8 (1997), p. 193-194.

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Matias. *L'Anno Liturgico: è Cristo stesso presente nella sua Chiesa*. Roma: Editrice Vaticana, 2009.
- AUGÉ, Matias. *Advento, Natal, Epifania – Tempo de manifestação do Senhor*. São Paulo: Ave Maria, 2005.
- AUGÉ, Matias. *Quaresma, Páscoa, Pentecostes – Tempo de renovação no Espírito*. São Paulo: Ave Maria, 2005.
- BARSOTTI, Divo. *Il Mistero Cristiano nell'Anno Liturgico*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2006.
- BERGAMINI, Augusto. *Cristo festa da Igreja*. História, Teologia, Espiritualidade e Pastoral do Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BOROBIO, Dionisio (Org.). *A Celebração na Igreja*. Vol. 3, São Paulo: Loyola, 2000.
- EVDOKIMOV, Pavel. *Teologia della Bellezza*. San Paolo: Cinisello Balsamo, 2002.
- MATSOUKAS, Nikolaos A. *Teologia Dogmatica e Simbolica Ortodossa*. Bolonha: Dehoniane, 1995.